

A humanidade antes da notícia

Marina Julião

“A humanidade precisa acabar com a guerra antes que a guerra acabe com a humanidade”

John F. Kennedy

Em abril de 2017, uma explosão atingiu um comboio de ônibus na Síria, durante uma evacuação de civis, deixando mais de 100 mortos. O bombardeio foi na cidade de Rashidin, próximo a Aleppo. A evacuação era planejada, os civis fugiam de cidades que eram sitiadas por rebeldes. No meio da confusão, o fotógrafo Abd Alkader Habak, virou notícia por largar sua câmera e salvar crianças que estavam no local.

A guerra na Síria dura mais de seis anos, e ataques a civis e crianças são constantes, tanto de rebeldes como do regime. Com um país tão fragmentado e dividido, o exercício do jornalismo se tornou extremamente perigoso. Em 2014, dois jornalistas americanos foram capturados e decapitados pelo Estado Islâmico (O GLOBO, 2014).

Durante a primavera árabe de 2011, uma onda de protestos tomou a capital síria, Damasco pedindo a saída do ditador Bashar al-Assad, que está no poder há 17 anos. Os protestos tomaram caráter violento em março de 2011, virando um conflito armado entre forças rebeldes e o regime. O clima fragmentado foi propício para o fortalecimento de grupos terroristas, como o Estado Islâmico, que começou a reivindicar territórios no país e planejar ataques contra civis sírios, curdos e ocidentais. Grandes potências mundiais estão envolvidas no conflito, como Rússia e Estados Unidos, e promovem ataques ao território sírio com frequência. Em 2017, ocorreram diversos ataques químicos, que resultaram na morte de mais de 30 crianças. O conflito na Síria resulta em mais de 200 mil mortes de civis, incluindo mais de 20 mil crianças (I AM SYRIA, 2017). Grandes potências mundiais se envolveram no conflito, como Rússia e Estados Unidos, ataques e confrontos na região são diários.

No dia 15 de abril, Alkader Hab trabalhava como fotógrafo independente fotografando a evacuação de civis de cidades sitiadas no norte da Síria, quando um carro bomba explodiu perto do comboio. O fotógrafo conta que, por causa do impacto, ele e sua câmera foram arremessados para longe. Assim que se recuperou do impacto, pegou sua câmera e viu diversas crianças jogadas no chão. O fotógrafo contou para o jornal *CNN* que a primeira criança que foi socorrer estava morta, e então avistou um outro menino que ainda respirava, e o levou para a ambulância. Foi quando tiraram sua foto com a criança nos braços, que rodou o mundo. Logo depois do momento flagrado, Habak é visto ao lado de um outro corpo de criança, chorando.

O caso repercutiu no mundo, e é necessário fazer uma reflexão ética sobre o papel do jornalista diante dos horrores da guerra. A guerra da Síria produziu inúmeros casos de barbárie, que foram amplamente divulgados pela mídia. Fotos de crianças mortas e machucadas são símbolo dessa guerra, como a de Alan Kurdi nas praias turcas ou de Omran Daqneesh em uma ambulância. A ética jornalística e a liberdade de expressão são, a todo momento, questionadas e exploradas. A notícia pode vir antes da humanidade?

A guerra é um dos assuntos de mais difícil cobertura jornalística. São milhares os jornalistas mortos em confronto, entre eles, os fotógrafos Robert Capa e Gerda Taro, que morreram na Guerra do Vietnã e na Guerra Civil Espanhola, respectivamente. A miséria é explorada pelos jornais, e uma boa foto de um atentado vale milhões. Especialmente no século XXI, onde todos têm acesso a celulares com câmera, a divulgação de imagens chocantes minutos depois dos acontecimentos é um fenômeno. O papel dos fotojornalistas é cada vez mais restrito, com filmagens e fotografias amadoras ganhando espaço.

Em situação de guerra, a liberdade de imprensa também é bastante afetada. Jornalistas independentes e de veículos que fazem oposição ao regime são amplamente censurados e, às vezes, jornalistas podem ser sequestrados e assassinados, como o caso dos jornalistas americanos nas mãos do Estado Islâmico.

São diversos os fatores que colocam a ética da prática jornalística em risco. Em situações extremas, desobedecer as normas éticas e morais para se proteger ou se beneficiar parece mais simples. As ações de Habak , apesar de ultrapassarem a barreira da profissão em muitos sentidos, ainda seguem orientações baseadas em códigos de ética jornalística¹. Segundo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, no Artigo 6º, sobre a conduta do jornalista lê-se:

"Art. 6º É dever do jornalista:

- I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos;
- II - divulgar os fatos e as informações de interesse público;
- III - lutar pela liberdade de pensamento e de expressão;
- IV - defender o livre exercício da profissão;
- V - valorizar, honrar e dignificar a profissão;

¹ Para fins de estudo, usaremos o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros como base, mas sempre levando em consideração que o jornalista estudado é sírio.

- VI - não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha;
- VII - combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação;
- VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;
- IX - respeitar o direito autoral e intelectual do jornalista em todas as suas formas;
- X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito;
- XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias;
- XII - respeitar as entidades representativas e democráticas da categoria;
- XIII - denunciar as práticas de assédio moral no trabalho às autoridades e, quando for o caso, à comissão de ética competente;
- XIV - combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza.“

Podemos, então, observar que, segundo o Código, é dever dos jornalistas: defender os princípios dos Direitos Humanos, defender os direitos do cidadão especialmente as minorias - crianças e combater a prática de perseguição. As ações de Habak são pertinentes aos itens citados anteriormente, pois ele põe a dignidade humana acima dos deveres da profissão, prezando pelos Direitos Humanos.

No entanto, a discussão sobre até onde vai a conduta profissional é válida. Em momentos de terror, os indivíduos agem como sua profissão ou como humanos? É cabível pensar qual seria a reação da população se a atitude de Habak fosse diferente. E se, ao invés de salvar as crianças, ele tivesse continuado a tirar fotos, que chocariam o mundo diante dos horrores da guerra? Com certeza, milhões iriam criticar sua conduta, da mesma forma com o fotógrafo Kevin Carter, autor da famosa foto da criança sudanesa próxima a um abutre. À época em que a foto foi tirada, Carter foi

amplamente criticado por sua postura em relação a situação, e muitos questionaram se o fotógrafo havia sequer ajudado o menino, ou simplesmente se aproveitado do momento. A fotografia ganhou o prêmio Pulitzer de 1994, e até hoje não existe um consenso se o fotógrafo ajudou ou não a criança. Carter não suportou a dor das crianças e a repercussão da foto e se suicidou em 1994, com 33 anos (WIKIPEDIA, 2017). A postura de Habak seria igualmente questionada caso houvesse simplesmente fotografado corpos e crianças?

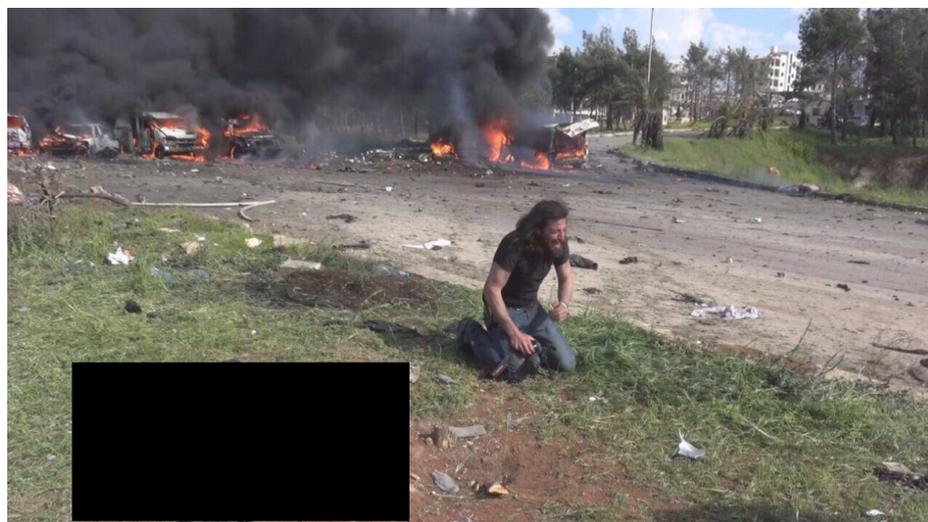
O mesmo pode ser levantado em relação ao fotógrafo que tirou a foto de Habak, Muhammad Alrageb. Pouco é questionado sobre a conduta deste profissional, que tirou a foto no momento da explosão.

A responsabilidade social de Habak foi maior que a necessidade de fazer uma cobertura do momento. A ética e moral pessoal dele foram mais fortes que o fazer jornalístico. Neste caso, continuamos a questionar até onde vai o papel e a conduta do jornalista em situações de riscos, e se Habak foi aplaudido como fotojornalista ou como humano.



Foto:Muhammad Alrageb

Foto: Omar Ghabra via
Twitter.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. 2007.

GRUPO radical Estado Islâmico diz ter decapitado jornalista dos EUA. **G1**, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/grupo-estado-islamico-diz-ter-decapitado-jornalista-dos-eu.html>> Data de Acesso: 22 de junho de 2017.

I AM SYRIA. Homepage. Disponível em <<http://www.iamsyria.org>>. Data de Acesso: 22 de junho de 2017.

O'SULLIVAN, D. e MUNAYYER, W. Syria photographer takes action instead of pictures, picks up injured boy. CNN, 18 de abril de 2017. Disponível em <<http://edition.cnn.com/2017/04/17/middleeast/syria-photographer-bombing-rescue-trnd/index.html>> Data de acesso: 21 de junho de 2017.